

MANIPULAÇÃO JORNALÍSTICA: UMA ANÁLISE DO DISCURSO

Flávia Meira dos Santos; Kenya Gomes Dutra; Mayrla Ferreira da Silva; Quézia Teodoro de Sousa;

Universidade Estadual da Paraíba – (flavinhaasantos20@gmail.com)

Universidade Estadual da Paraíba – (kenyalettras2014@hotmail.com)

Universidade Estadual da Paraíba – (mayrlaf.silva2@gmail.com)

Universidade Estadual da Paraíba – (quezia_tvsousa@hotmail.com)

Resumo:

Cada vez mais surgem estudos na área da Linguística, dentre eles está a Análise do Discurso. A AD, como é chamada, tornou-se um assunto muito debatido no âmbito acadêmico e também fora dele, pois tem em vista analisar as práticas discursivas que são proferidas no nosso cotidiano a partir de relações dialógicas naturalmente ideológicas, sócio históricas e situadas em um determinado tempo e contexto. Visto que na contemporaneidade o homem vive na cultura digital e, portanto permanece sempre conectado às novas tecnologias, pode-se dizer que a mídia adquiriu o poder de alcançar um grande número de pessoas com o objetivo de manipulá-las. Mídias digitais, impressas, televisivas e também o rádio, mesmo que considerado por alguns como ultrapassado, utilizam-se de ferramentas e criam estratégias para ganharem seu público alvo. Tais estratégias são consideradas como marcas de um discurso ideológico e situado que visa, como dito anteriormente, à manipulação. Desse modo, nos propomos a compreender como o discurso jornalístico está marcado ideologicamente através da sua linguagem. Para atingirmos tal objetivo iremos inicialmente nortear acerca da origem do discurso, e posteriormente compreender e discutir a potencialidade da linguagem como veículo de manipulação jornalística (oral/escrita). Para discutirmos tais questionamentos temos como base teórica as concepções de Orlandi (2010), Fiorin (2008), Brandão (2004), Dias (2008), Gregolin (2003) entre outros, caracterizando assim nossa pesquisa como estudo de revisão bibliográfica. Em suma, pautados nesse estudo, consideramos que a mídia tem um grande impacto na formação do sujeito crítico perante a sociedade influenciando diretamente no modo de pensar e agir do homem contemporâneo.

Palavras chave: Análise de discurso, Mídia, Linguagem jornalística.

INTRODUÇÃO

Na era contemporânea a sociedade vive uma cultura de informações e os sujeitos estão cada vez buscando mais conteúdos, sejam através de mídias impressas como jornais e revistas ou digitais como redes sociais, programas televisivos, blogs jornalísticos, websites e etc. Atualmente, a preferência dessa sociedade tem-se concentrado nas mídias digitais, pois é mais fácil e mais ágil carregar um tablete ou um smartphone do que um livro ou um jornal, por exemplo. Sem contar que as tecnologias podem ser vários produtos em um só, trazendo assim ao homem contemporâneo uma variedade de opções em apenas alguns cliques.

Devido essa grande proporção que as tecnologias ganharam nos últimos anos, a mídia transforma serviços e aparelhos em “sonhos” e produtos que devem ser consumidos pelo telespectador. Segundo Gregolin (Org, 2004): “a mídia transforma a cultura em um espetáculo a ser consumido pelos espectadores.”, isto é, a mídia impõe “a cultura” e os sujeitos enquadram suas vidas para que todos partilhem de um mesmo cenário. Compreendemos então a mídia como “controladora de pensamentos” e para efetuar tal ato se utiliza de alguns discursos.

Diante de tal pensamento, é notório que os sujeitos dessa época sejam induzidos a tornarem-se inconscientes. À medida que vão se criando novas ideias carregadas de intensões controladoras, objetivamos nesse trabalho observar como as marcas destas estão postas na linguagem jornalística. Para culminar nessa análise, será feita algumas etapas como: entender a visão de discurso relacionado à linguística; como surgiu a Análise do Discurso (AD); e quais as marcas ideológicas presentes na linguagem jornalística.

É justificável tal análise para compreendermos como a mídia interfere na formação de sujeitos críticos, visto que visa à manipulação. Esta pode corromper os sujeitos tornando-os alienados, entretanto, os que perceberem esse controle poderão facilmente ter uma visão mais ampla de sociedade e criticar mais rigorosamente as várias concepções de mundo.

METODOLOGIA

Pautados principalmente em Orlandi (2010), Fiorin (2008), Brandão (2004), Dias (2008), Gregolin (2003) entre outros, nossa pesquisa caracteriza-se, então, como de revisão bibliográfica, ou seja, aquela que é feita em livros, revistas, periódicos e outras fontes. Com isso, buscamos nessas teorias respaldos que fundamentem nossas discussões acerca da manipulação jornalística.

2 A FORMAÇÃO DO DISCURSO

Dentro da história da língua, alguns teóricos revolucionaram as concepções acerca de tal assunto. Os estudos linguísticos hoje estão pautados na veia saussuriana, seja de maneira a seguir essa visão ou de maneira a não segui-la. Saussure e suas teorias teve papel fundamental na base do que é conhecido como estruturalismo, ou seja, a língua é vista como estrutura e o texto como código.

Para Saussure (2006, p. 102) “A língua é um sistema do qual todas as partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica” e a fala é um “ato individual de vontade e inteligência” (SAUSSURE, 2006, p.22), ou seja, para ele a fala é um campo distinto da língua/linguagem, pois do ponto de vista estruturalista a língua é forma e deve ser estudada em apenas um só tempo, de maneira sincrônica. Saussure delimita então que o objeto da Linguística é a língua nela e por ela mesma.

Em contra partida ao estruturalismo, está teóricos como, por exemplo, Bakhtin que vê a língua como lugar de interação, assim a língua está ligada diretamente com o contexto e com a fala: “A matéria linguística é apenas uma parte do enunciado; existe também outra parte, não verbal, que corresponde ao contexto da enunciação”. (BAKHTIN, apud BRANDÃO, 2004, p. 8). Desse modo, Bakhtin “não ver a língua como algo concreto, fruto da manifestação individual de cada falante, valorizando dessa forma a fala.” (BRANDÃO, 2004, p. 7), em outras palavras, a língua não é todo o enunciado, não é tudo que é dito, há por trás uma parte não dita chamada de contexto, isto é, a situação onde o signo linguístico se encontra ou está sendo proferido.

Pautado no enunciado, Bakhtin funda sua teoria o *dialogismo*, que segundo Fiorin (2008, p.19) “são relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados”, ou seja, a relação de interação que se cria através do discurso discutido, em resumo, o diálogo. Ao contrario do estruturalismo a teoria bakhtiniana ver que “a língua, em sua totalidade concreta, viva, em seu uso real” (FIORIN, 2008, p.18), dessa forma, a língua em uso é conversação, é a prática do diálogo cotidiano. Assim, a língua não é estática e sim maleável a situações.

Partindo da concepção de língua como interação, a Linguística passa a estudar o extralinguístico, isto é, o que não faz parte da estrutura do texto propriamente como está posta no papel. Ela estuda, então, o sentido que está em volta do que o signo linguístico transmite.

Desse modo, para que se possa estudar e analisar a língua e a linguagem foi então visto que essas duas partes da Linguística estão interligadas através do que Foucault (2008, p. 146), chama de *discurso*: é um “conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação”, que dizer, o discurso seria visto então como uma família de enunciados partidos da mesma formação discursiva. Segundo Orlandi (2010, p. 17) “as formações discursivas são a projeção, na linguagem, das formações ideológicas”, ou seja, o discurso seria formado por representações de ideologias.

Enfim, devido à proporção que o discurso tomou dentro do campo linguístico, vários teóricos viram que necessitava uma análise de como os mesmos surgem e como esses estão colocados para sociedade, uma vez que esses discursos com sua função de interação carregam

grande carga semântica e ideológica. Segundo Brandão (2004, p. 9), “para Bakhtin, a palavra é o signo ideológico por excelência”, ou melhor, é a palavra que é carregada de ideologias e sendo assim “a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia.”. (BRANDÃO, 2004, p. 9)

Devido às percepções sobre a língua e a linguagem e considerando a segunda como lugar de conflito enunciativo e de interação, diante de tais fatos os linguistas perceberam que seus estudos não poderiam ser feitos de maneira a esquecer da estrutura sócio histórica que envolve a língua/linguagem, portanto, “seu estudo não pode estar desvinculado de suas condições de produção. Esse será o enfoque a ser assumido por uma nova tendência linguística que irrompe na década de 60: a análise do discurso” (BRANDÃO, 2004, p. 11).

Desse modo, surge a AD com o intuito de analisar e estudar sobre a estrutura da língua e a variação da fala movidas por relações ideológicas dentro de um contexto de produção. Agora, faremos breves considerações acerca do surgimento da AD.

3 INICIAÇÃO A ANÁLISE DO DISCURSO

Conforme Maingueneau (1976) citado por Brandão (2004), pode-se dizer que foram os formalistas russos que deram espaço para o estudo do discurso ser apreciado na Linguística. Mas, essa abertura não é facilmente aceita pelos estruturalistas. Já que esse segmento considera apenas a estrutura, eles preferem estudar o texto em si, “nele mesmo e por ele mesmo” (BRANDÃO, 2004, p. 13), em outras palavras, desconsiderando totalmente o discurso, o extralinguístico e o contexto.

No início, segundo Brandão (2004, p. 13), a análise do discurso teve duas vertentes:

- A de Harris, com *Discourse analysis* (1952), onde fala que as análises podiam ultrapassar as observações feitas a partir das frases;
- E a vertente de R. Jakobson e E. Benveniste, que fala basicamente da análise pela enunciação.

Então, a obra de Harris foi considerada o marco inicial da análise do discurso, todavia nessa perspectiva a AD pode ser vista de maneira “imatura”, pois era considerada apenas uma extensão da linguística e, portanto, ainda continha traços muito marcantes de análises feitas sintaticamente, ou seja, tais concepções eram muito voltadas para a estrutura do texto, ou melhor, das frases.

Ao contrário, Benveniste afirma que a análise do discurso deve ser vista a partir da enunciação de cada sujeito, isto é, “a relação que se estabelece entre locutor, seu enunciado e o mundo” (BRANDÃO, 2004, p. 13), ou seja, a formação sócio histórica de cada indivíduo contribui diretamente para os enunciados proferidos por tal sujeito em sociedade, em seu cotidiano. Desse modo:

Essas duas direções vão marcar duas maneiras diferentes de pensar a teoria do discurso: uma que a entende como uma extensão da linguística (que corresponderia à perspectiva americana) e outra que considera o enveredar para a vertente do discurso o sintoma de uma crise interna da linguística, principalmente na área da semântica (que corresponderia à perspectiva europeia)” (ORLANDI, 1986 apud BRANDÃO, 2004, p. 14).

Assim, a forma americana considera o texto apenas em sua estrutura descartando o sentido produzido por ele, por consequência considera a visão do discurso apenas como extensão da linguística. Mas, “o discurso caracteriza-se como o que vem a mais, o que vem depois, o que se acrescenta. Em suma, o secundário, o contingente” (ORLANDI, 1996, p. 108 apud BRANDÃO, 2004, p. 15), logo, numa visão oposta, a forma europeia considera que existe uma relação entre o dizer e o como dizer, segundo Brandão (2004, p. 15) “coloca a exterioridade como marca fundamental”, ou seja, leva totalmente em consideração o contexto de produção do discurso.

3.1 A ANÁLISE DO DISCURSO NA PERSPECTIVA FRANCESA

A perspectiva francesa ver a análise do discurso como a articulação entre o linguístico e o social, ou seja, a estrutura do texto e o contexto onde ele está e onde se cria sentido. Assim, a AD (abreviação usada na França) começa a ser utilizada em campos de conhecimentos diversos. Busca-se, então, definir critérios mais apropriados dentro de um só campo. Segundo Brandão, (2004, p. 17) “definida inicialmente como ‘o estudo linguístico das condições de produção de um enunciado’, a AD se apoia sobre conceitos e métodos da linguística”. Mas essa apropriação por si só não basta para definir o lugar de atuação da Análise do Discurso, então segundo Maingueneau (1987) , apud Brandão (2004, p. 17) devem ser consideradas outras questões:

- O quadro das instituições em que o discurso é produzido, as quais delimitam fortemente a enunciação;
- Os embates históricos, sociais etc. que se cristalizam no discurso;
- O espaço próprio que cada discurso configura para si mesmo no interior de um interdiscurso.

Considerando essas questões, o discurso então será visto pela formação ideológica e não pela estrutura do mesmo. Assim sendo, a vertente francesa dessa análise distingue dois conceitos primordiais que futuramente irão influenciar diretamente a AD: o conceito de ideologia e o de discurso. Segundo Brandão (2004, p. 46) “o discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza, isto é, é um dos aspectos materiais da ‘existência material’ das ideologias.”, ou seja, o discurso é uma materialidade específica da ideologia.

Desse modo, a partir da concepção francesa o discurso ganha um novo caráter. Ele passa de ser mero contexto, mera formação extralinguística e ganha uma perspectiva mais ideológica, ou seja, os discursos não são apenas uma parte externa do texto. Neles também há implícitos alguns pensamentos que são propagados e ganham força quando situados em épocas estratégicas: são chamados de discursos controladores ou manipuladores. Assim, conforme Brandão (2008, p. 46). “ao analisarmos a articulação da ideologia com o discurso, dois conceitos já tradicionais em AD devem ser colocados: o de formação ideológica (...) e o de formação discursiva”.

A formação ideológica é a formação das ideias que são vistas no cotidiano de cada sujeito e como ele reage a cada ideia dessas. Assim sendo, o sujeito se forma ideologicamente através do contexto sócio histórico e da classe social em que o mesmo vive. A formação discursiva se pauta principalmente na ideológica. As marcas do contexto vivido por cada indivíduo e os objetivos implícitos das suas ideias estarão presentes em qualquer discurso proferido por ele. Desse modo, segundo Orlandi (2010, p. 17):

Chamamos então formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determina o que pode e deve ser dito. Portanto, as palavras, proposições, expressões recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas.

Em suma, a Análise do Discurso busca então entender a materialidade dos enunciados nas formações discursivas; o controle por meio de práticas relacionadas ao poder e a contribuição nos arquivos sócios históricos, ou seja, como o enunciado pode ser materializado em discursos e como os mesmos podem influenciar nas vidas das pessoas usando manipulação em massa como forma de poder.

Ressaltando, nas análises citadas antes entendemos como se originou o discurso e de que maneira ele foi se tornando importantíssimo na Linguística. Devido a isso foi compreendido então, como houve a criação da AD que é uma matéria especializada em analisar discursos do nosso dia-a-dia. Passaremos então para a compreensão de como essas

manipulações então dentro da mídia, mais especificamente no contexto jornalístico que, inclusive, é um dos mais manipuladores.

4 A LINGUAGEM COMO MANIPULAÇÃO JORNALÍSTICA

A linguagem falada e escrita é o principal meio de veiculação de informações no contexto da mídia jornalística. Sua intenção é adequar-se ao cotidiano do receptor para que a mensagem transmitida seja compreendida de maneira que o objetivo da informação seja alcançado com êxito. Dias (2008, p. 42) afirma que: “há leitores específicos para cada editorial de jornal e é preciso chegar à linguagem que esperam encontrar em sua leitura”, ou seja, a linguagem utilizada deve moldar-se ao seu público alvo para que a finalidade da mensagem seja alcançada.

É notório que existem muitas marcas de persuasão oral na esfera midiática. As notícias cotidianas visam cada vez mais a aproximação do público em geral, mais intensamente do público popular. A linguagem padrão é utilizada de forma equilibrada, não muito rebuscada, nem simples, para que todos aqueles que forem alcançados pela notícia possam compreender o que está sendo transmitido. Assim sendo, segundo Dias (2008, p. 63):

[...] mesmo admitindo que o jornal seja marcado por uma linguagem popular, não se pode deixar de reconhecer que existe um processo de elaboração do noticiário, das narrativas, das reportagens etc., que obedece aos princípios formais da língua escrita, e particular, na organização sintática.

Logo, fica claro que mesmo que a mensagem a ser transmitida seja para um determinado público popular, não quer dizer que esta pode ser feita a qualquer modo. A linguagem é cuidadosamente selecionada buscando um maior efeito sobre os leitores ou telespectadores, isto é, existem implicitamente marcas de manipulação na linguagem que são usadas para persuadir o público leigo através das notícias sensacionalistas. As manchetes são escolhidas minuciosamente com a intenção de atrair os sujeitos ao cerne da ideologia que o locutor deseja transmitir.

A elaboração da linguagem usada nos noticiários é feita com o intuito de chamar, ao máximo, a atenção dos receptores para a mensagem que é demonstrada como interesse do veículo da informação. A adequação é vista quando é enfatizado o objeto que se deseja destacar, com manchetes chamativas no caso da mídia escrita e o uso de maior entonação vocal, por exemplo, no caso da mídia de áudio ou visual. Deste modo “vê-se, assim que os

recursos da língua oral popular facilitam essa interação do jornal com seus leitores (...) atuam mais diretamente, convencem com maior facilidade, sem necessitar de reflexão” (DIAS, 2008, p. 66)

Ou seja, as formas de manipulação que se encontram nos noticiários são muito variadas, como por exemplo, o uso de metáforas que provocam um melhor entendimento, tornando o fato mais compreensível popularmente; discurso exagerado com o uso intencional de entonação vocálica, letras maiúsculas e palavras que causam forte impacto são usados com o objetivo de convencer o leitor/telespectador a acreditar na “verdade” posta pelo espetáculo da mídia.

Outra forma de manipulação notória são as chamadas frases feitas populares, ou seja, um bordão. Este tem a intenção de enfatizar determinadas situações marcando a particularidade das ideologias implicitamente inseridas, com a intenção de ressaltar uma determinada situação que é interessante para o divulgador da informação. Essas marcas citadas são utilizadas intencionalmente principalmente pelo contexto jornalístico com a pretensão de induzir, na maioria das vezes, as massas populares, pelo fato de terem pouco acesso a informações fazendo com que ajam de forma que se assemelha ao modelo veiculado por determinado propagador.

As formas narrativas das quais muitos noticiários utilizam para transmitir o acontecido é a maneira que se encontra para se aproximar cada vez mais do seu público alvo, sendo esse de fácil controle, pois acreditam em tudo que é propagado pela mídia, até o ponto de planejarem suas vidas e decisões com bases no que esta sendo transmitido nos jornais escritos, televisionados e etc., ou seja, nas esferas de comunicação.

CONCLUSÕES

Ao longo da análise feita no artigo acima, entendemos que no início a língua em si era o objeto da Linguística, ou seja, era a parte que interessava aos linguistas da época denominada de estruturalismo. Ainda nessa época, o discurso começou a ser visto de maneira diferente: fazendo parte da concepção de texto; fazendo papel do extralinguístico, isto é, o que está fora da estrutura.

Devido a isso, o discurso já propagado de maneira diferente continua por várias épocas, onde se viu a necessidade de uma matéria específica que o estudasse em sua totalidade: denominada, posteriormente, como Análise do Discurso. Essa análise teve várias vertentes, como a europeia, a americana e por último a francesa. Por fim, a AD ganhou ênfase no que

diz respeito a conceitos ideológicos, pois ela busca justamente encontrar como essas ideologias estão marcadas nos discursos.

Na mídia o discurso pode ser usado para diversos fins, ter a intenção de persuadir um público específico é uma das principais formas de unir interesses e linguagem. Nesse prisma, é possível identificar diversas marcas através da análise do discurso no jornal. As marcas, citadas no artigo acima, são da oralidade, linguagem simplificada, metáforas populares e discurso exacerbado, isto é, exageradamente sensacionalista.

Consideramos então, que os usos dessas táticas influenciam de forma negativa, pois o público alvo consegue ser ludibriado através destas marcas, não sendo possível desenvolver uma nova forma de criticidade, deixando-se levar pelo meio. Sendo influenciados diretamente por uma mídia de espetáculos, os sujeitos se tornam alienados, ou seja, passivos de qualquer pensamento que possa mudar a sociedade atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2º ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

DIAS, Ana Rosa Ferreira. **O discurso da violência**: as marcas da oralidade no jornalismo popular. 3º ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. – 7 ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GREGOLIN, Maria do Rosário (Org). **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. – São Carlos: Claraluz, 2003.

ORLANDI, E.P. Análise de discurso. IN: _____, LAGAZZI-RODRIGUES, S. (orgs.) **Introdução às ciências da linguagem**: discurso e textualidade – 2ª edição – Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo e Izidoro Beinkstein. – 27 Ed. -- São Paulo; Cultrix, 2006.